

O autodiscernimento de Abraham Heschel como método de resignificação humana

Abraham Heschel's Self-Discernment as a Method of Human Resignification

Emivaldo Nogueira
Universidad Bernardo O'Higgins - Chile

Resumo

Este artigo explora o conceito de autodiscernimento em Abraham Heschel como um método central para a resignificação da experiência humana e da espiritualidade. A pesquisa concentra-se na relação entre o autodiscernimento e a experiência profética, examinando como a prática de distinguir a vontade divina das motivações humanas pode transformar a compreensão da relação entre Deus e o homem. A partir de uma análise bibliográfica das obras de Heschel, o estudo demonstra como o autodiscernimento pode ser aplicado à prática religiosa contemporânea, oferecendo uma nova perspectiva sobre a interação entre o divino e o humano. O artigo busca, assim, ampliar a compreensão da espiritualidade moderna, sugerindo caminhos para uma prática religiosa mais profunda e significativa através do autodiscernimento.

Palavras-chave

Autodiscernimento.
Abraham Heschel.
Resignificação humana.
Espiritualidade moderna.

Abstract

This article explores Abraham Heschel's concept of self-discernment as a central method for redefining human experience and spirituality. The research focuses on the relationship between self-discernment and prophetic experience, examining how the practice of distinguishing divine will from human motivations can transform the understanding of the relationship between God and man. Based on a bibliographical analysis of Heschel's works, the study demonstrates how self-discernment can be applied to contemporary religious practice, offering a new perspective on the interaction between the divine and the human. The article thus seeks to broaden the understanding of modern spirituality, suggesting paths for a deeper and more meaningful religious practice through self-discernment.

Keywords

Self-discernment.
Abraham Heschel.
Human resignification.
Modern spirituality.

Introdução

A relação entre Deus e o homem é uma questão central na teologia e na experiência religiosa, especialmente no contexto da espiritualidade moderna. Abraham Heschel, um dos mais influentes teólogos e filósofos

religiosos do século XX, propôs o conceito de autodiscernimento como um método fundamental para ressignificar essa interação divina. Para Heschel, o autodiscernimento é essencialmente um processo de autoconhecimento que permite ao indivíduo distinguir entre a vontade divina e os desejos humanos, com base na experiência direta do *Pathos* divino. Esse conceito é particularmente relevante no contexto da experiência profética, em que a capacidade de discernir o *Pathos* divino é crucial para uma vivência autêntica da espiritualidade.

O objetivo principal deste artigo é explorar como o conceito de autodiscernimento de Heschel pode ser aplicado à prática religiosa contemporânea e de que forma ele ressignifica a compreensão da espiritualidade moderna. Além disso, o estudo busca examinar as implicações desse conceito na vida dos profetas bíblicos e na prática espiritual de indivíduos na atualidade. Ao enfatizar a distinção entre a vontade de Deus e os anseios humanos, o artigo propõe que o autodiscernimento oferece uma perspectiva renovada para a prática religiosa, promovendo uma espiritualidade mais profunda e significativa.

A hipótese central deste estudo é que o autodiscernimento, conforme desenvolvido por Heschel, não apenas ilumina a experiência dos profetas no contexto bíblico, mas também proporciona um novo entendimento sobre a interação entre o divino e o humano. Acredita-se que essa perspectiva pode reconfigurar a espiritualidade moderna, oferecendo uma base sólida para uma prática religiosa mais autêntica e conectada com o transcendente. O estudo também sugere que o autodiscernimento pode servir como uma ferramenta para superar a fragmentação espiritual e moral na sociedade contemporânea.

Para alcançar esses objetivos, este artigo adota uma metodologia bibliográfica, baseando-se em uma revisão detalhada das obras de Abraham Heschel, incluindo textos fundamentais como *Os Profetas*, *Deus em busca do homem* e *o Homem à procura de Deus*. Além disso, o estudo incorpora análises críticas e interpretações secundárias que contextualizam e expandem as ideias de Heschel. A pesquisa desenvolve-se a partir de uma abordagem qualitativa, que busca relacionar as teorias Heschelianas com questões práticas da espiritualidade moderna.

Os resultados esperados deste estudo incluem uma compreensão mais profunda do conceito de autodiscernimento e sua relevância para a prática religiosa contemporânea. Espera-se que a pesquisa demonstre como o autodiscernimento pode ser uma chave para ressignificar a relação entre Deus e o homem, oferecendo novas perspectivas sobre a espiritualidade e promovendo uma prática religiosa mais significativa. Além disso, o estudo pretende mostrar que o autodiscernimento, ao centrar-se na experiência direta do *Pathos* divino, pode enriquecer a vivência espiritual e proporcionar um caminho para a renovação da fé na sociedade atual.

O artigo será estruturado em quatro seções principais. Na primeira, abordará a busca de Deus pelo homem, enfatizando a ideia Hescheliana de que “nós amamos, porque Ele nos amou por primeiro”. Em seguida, discutirá o conceito de autodiscernimento como *Teshuvá*, ou retorno, analisando como essa busca pelo perdão se reflete na experiência do homem à procura de Deus. A terceira seção será dedicada à transformação do conhecimento intelectual em ação empática, com base na expressão “senti que minhas pernas estavam orando”, enfatizando a conexão entre o *Pathos* divino e a prática religiosa. Finalmente, o artigo apresentará considerações finais que sintetizam os principais achados e implicações do estudo, sugerindo novos caminhos para a espiritualidade contemporânea.

Deus em busca do homem: “nós amamos, porque ele nos amou por primeiro”¹

A epígrafe de 1 João 4,19 simboliza o amor divino revelado pelo ato primordial de amar. Na obra “Deus em busca do homem” (1975), Abraham Heschel explora, através do método do autodiscernimento, a possibilidade de renovação espiritual para o homem moderno pós-Holocausto. Heschel argumenta que, apesar dos eventos bélicos terem obscurecido a percepção da divindade, Deus continua buscando o homem, que permanece como Sua imagem. Essa busca divina é essencial, pois oferece consolo e esperança, desafiando a visão de que a divindade foi eclipsada pela devastação histórica.

¹ Todas as citações bíblicas contidas neste texto seguem a tradução da *Bíblia de Jerusalém* (2002).

A obra de Heschel reflete uma crítica ao racionalismo dominante, que, ao enfatizar a supremacia da razão, reduziu o sagrado a algo profano e desconsiderou aspectos emocionais e espirituais da vida humana. Os pensamentos de que “o homem é a medida de todas as coisas” (Protágoras) e o “cógito, ergo sum” (Descartes) subestimaram o valor das dimensões afetiva e religiosa. Heschel, portanto, busca restabelecer a importância da dimensão transcendente através do autodiscernimento, propondo uma reconfiguração do entendimento humano que reconcilie a razão com a espiritualidade.

O homem, na busca de autoconhecimento, não é motivado por um desejo de classificar-se zologicamente ou por descobrir seu lugar dentro do reino animal. Sua busca, seu próprio enigma é, acima de tudo, um ato de dissociação e de desvinculação com um mero ser, animal ou de qualquer outra categoria. A busca de autoconhecimento é a procura de autenticidade da essência, da genuinidade que não se encontra no anonimato, nas semelhanças e na naturalidade comum sem remissão. Assim, qualquer doutrina que descreva o homem como um animal com um atributo diferenciado, tende a obscurecer o problema que estamos tentando entender (Heschel, 1975, p. 37).

Na primeira parte de sua obra, intitulada *Deus*, Heschel descreve os problemas que desorientaram o homem moderno naquilo que é concernente ao sagrado, a Deus. Destarte, os dezesseis capítulos, cuja temática relaciona-se à divindade na religião israelita, Heschel propõe distinções entre a compreensão do homem religioso, daquelas descritas pelo pensamento ocidental de raiz grega. Deste modo, toda a obra *Deus em busca do homem* (1975) é norteadada pela questão do restabelecimento dos problemas modernos racionais, com a finalidade de ressignificar e ressacralizar a imagem divina, porque Deus à procura do homem.

“Restabelecer os problemas”: assim inicia Heschel (1975, p. 15) sua obra. Segundo ele, a vida seria mais fácil se soubéssemos identificar e questionar os problemas que afetam nosso progresso pessoal e comunitário. Heschel (1975) levanta questões cruciais, como os fatores que fazem da depressão a doença do século XXI, a relação entre qualidade de vida e bem-estar social, os processos migratórios atuais, e o impacto da política

neoliberal na vida humana. Ele também explora a origem da violência e das desigualdades, o paradoxo da fome em um mundo com oferta suficiente de alimentos e a capacidade da Filosofia e da Teologia para responder às questões ontológicas da vida. Com base nesses questionamentos, Heschel destaca seu método: o autodiscernimento.

Heschel (1975) direciona sua obra a comunidade judaica (Marmur, 2016, p. 9), seu principal público-alvo. Embora quando escreveu a obra, aqui privilegiada, já estivesse residindo em solo norte americano, e, portanto, dialoga com ele e o direcionamento que o autor toma é para o judaísmo. Ele propõe um “autodiscernimento do judaísmo” (Heschel, 1975, p. 15), e, a partir do autodiscernimento da comunidade judaica, Heschel vai agregando elementos que, na sua visão teológica profética, necessitam de uma autoanálise. Para o restabelecimento destes problemas, Heschel argumenta que a autoanálise deve partir daquilo que alimenta a alma do crente: a religião. Nesse contexto, encontramos a primeira grande crítica de Heschel:

É costume responsabilizar a ciência secular e a filosofia anti-religiosa pelo eclipse da religião na sociedade moderna. Seria mais honesto responsabilizar a religião por seus próprios defeitos. A religião entrou em declínio não porque foi refutada, mas porque tornou-se irrelevante, insensível, opressiva e insípida. [...] Quando a religião fala mais pela autoridade do que pela voz da compaixão - sua mensagem torna-se sem significado ((Heschel, 1975, p. 15).

O primeiro imperativo de Abraham Heschel (1975, p. 15) é “tornar a descobrir os problemas para os quais a religião é uma resposta”, não por meio de um pensamento puramente conceitual, mas por meio de um pensamento situacional que “envolve uma experiência interior” (Heschel, 1975, p. 17). Heschel defende que, para compreender os problemas que delimitamos, é necessário adotar um pensamento situacional, no qual o pesquisador se imerja e se envolva, buscando uma “autocompreensão radical” (Heschel, 1975, p. 19). Isso significa tratar não apenas a crença, o ritual ou a experiência religiosa, mas a situação total do homem: não como ele experimenta o sobrenatural, mas por que ele o faz e o aceita (Heschel, 1975, p. 21).

Diante da inadequação de uma análise puramente conceitual da religião para restabelecer os problemas que ela busca resolver, Heschel propõe a Teologia de Profundidade. Esta abordagem, segundo Heschel (1975, p. 21), tem como objetivo principal “pesquisar a profundidade da fé, o substrato fora do qual a fé se origina”, sem dissociar a “existência dos atos religiosos das afirmações sobre a fé” (Heschel, 1975, p. 21). Heschel critica a teologia conceitual da escolástica por tratar as “ideias a respeito da fé” de forma separada dos momentos de fé reais (Heschel, 1975, p. 21). Sobre isto, o nosso paladino do autodiscernimento exemplifica:

Se uma planta é arrancada do solo onde está, removida de seus eventos, dos raios de sol e vida-ambiente, e conservada numa estufa - observações feitas com tal planta revelarão sua natureza primordial? A intimidade crescente do homem que penetra e se curva para a luz de Deus dificilmente pode ser transplantada para a superficialidade de uma simples reflexão. Removida de seu ambiente na vida humana, murcha como uma rosa prensada entre as páginas de um livro (Heschel, 1975, p. 21-22).

Heschel argumenta que a compreensão profunda da religião exige a combinação de intuição e razão, simpatia e rigor metodológico. A religião deve buscar autoesclarecimento e autoexame para evitar a transformação em sentimentalismo vazio, mantendo-se fiel aos seus princípios essenciais. Ele sugere que a religião deve questionar a genuinidade de suas convicções e a realidade de sua fé, evitando a substituição da religião por uma mera filosofia da religião e usando a filosofia do judaísmo para criticar ideias e eventos específicos.

Para encontrar o caminho de retorno a Deus, Heschel propõe três possibilidades: sentir a presença de Deus no mundo, na Bíblia e nos atos sagrados. Ele explora essas categorias bíblicas – sublime, maravilhoso, mistério, temor e glória – em sua obra *Deus em busca do homem*. Heschel critica a modernidade por transformar a utilidade em um princípio predominante, reduzindo o mundo a uma mera ferramenta para satisfação pessoal e obscurecendo o sentido do sublime mistério.

Tal qual na obra *Os Profetas*, Heschel (1973) apresenta uma clara oposição ao pensamento racionalista moderno, sobretudo ao filosófico e teológico, que tenta esquadrihar tudo com a mesma régua, fragmentando o que restava de sagrado. Heschel (1973) recorre ao mundo judaico para comparar como as visões acerca do mesmo evento são interpretadas de maneira distinta: para o judaísmo, os eventos na história são sinais da ação divina na temporalidade, enquanto, no racionalismo de origem grega, os acontecimentos históricos são marcados pela atuação humana na construção e desmistificação do mundo. Perdeu-se, assim, o senso de sublime, de mistério, de prodígios, sentidos tão caros ao homem bíblico. Estabelecendo esta relação entre a tradição religiosa e o pensamento moderno, Heschel se posiciona da seguinte forma:

O homem moderno caiu na armadilha de crer que todas as coisas podem ser explicadas, que realidade é uma simples ocorrência que tem somente de ser organizada a fim de ser controlada. Todos os enigmas podem ser solucionados, e todo o milagre não é nada mais do que o “efeito de uma novidade sobre a ignorância”.

Ofuscados pelas brilhantes realizações do intelecto no campo da ciência e da técnica, nós não nos convencemos apenas de que somos os senhores da terra; nós nos convencemos também de que nossas necessidades e interesses são o padrão fundamental do que está certo ou errado (Heschel, 1975, p. 54-55).

Ele argumenta que o mistério de Deus permanece irresoluto, desde os tempos bíblicos até a modernidade. Mesmo com o avanço da ciência, o verdadeiro nome de Deus continua sendo um mistério, e compreender o mundo exige entender Deus (Heschel, 1975, p. 101). Para ele, o autodiscernimento tem suas raízes na transcendentalidade divina, exigindo que o homem reconheça e tema o divino, já que a religião surge da “maravilha e mistério”, e não de métodos científicos (Heschel, 1975, p. 144).

Heschel (1975) enfatiza que sentir a presença de Deus no mundo é crucial, e que tais encontros com o desconhecido promovem o pensamento criativo, revelando o propósito e o ser. Esses momentos de *insight*, descritos por ele como “perplexidade radical e maravilhosa” (Heschel, 1975, p. 148),

são essenciais tanto para a religião judaica quanto para a experiência moderna do divino. Heschel encoraja os judeus modernos a retornarem à tradição e a praticar atos de fé e adoração, transcendendo o ego pessoal. Ele argumenta que a compreensão de Deus vem de *insights* reveladores, não de abstrações científicas, e que a fé exige a integração desses *insights* na prática cotidiana, como fizeram os profetas ao ouvir a vontade de Yahweh.

Com esta crença, Heschel finaliza a primeira parte da sua obra, afirmando que o caminho para a presença de Deus no mundo se dá por meio da rememoração do *insight* fundante, aquele que invadiu o coração do homem e o colocou em contato com o transcendente. Por carregar em sua base teológica os profetas, não seria estranho que ele recorresse a estes personagens para instigar o homem moderno. Assim, conclui ele:

É mediante os profetas que podemos estar aptos para encontrar Deus como um Ser que está além do mistério. Nos profetas, o inefável tornou-se uma voz, revelando que Deus não é um ser que está à parte e longe de nós, como os antigos acreditavam, que ele não é um enigma, mas justiça, misericórdia. Não apenas um poder que se responsabiliza por nós, mas também um padrão para nossas vidas. Ele não é o Desconhecido; ele é o Pai, o Deus de Abraão; das eras infinitas vieram compaixão e governo. Até mesmo o indivíduo que se sente desamparado relembra-o como o Deus de seus pais (Heschel, 1975, p. 212).

O segundo caminho descrito por Heschel refere-se ao “sentimento da presença de Deus na Bíblia” (Heschel, 1975, p. 51), analisado na seção intitulada Revelação. Heschel (1975, p. 215) destaca que o evento no Sinai, onde Deus revelou Seu nome, marcou uma transformação profunda: desde então, o judeu se relaciona com Deus através da Tora, que é essencial para sua identidade. No entanto, o homem moderno esqueceu que seu nome está ligado ao nome divino e não percebe mais a importância fundamental da Tora.

Ele ainda critica a crença moderna na “autossuficiência do homem”, que leva à ideia de que Deus está distante e em silêncio absoluto. Ele argumenta que tal visão ignora a comunicação profética registrada na Bíblia, onde os profetas acreditavam que suas palavras vinham diretamente de Deus.

Heschel defende que o evento da descida divina no Sinai foi um “êxtase de Deus”, um momento único que estabeleceu a religião como um processo contínuo. Para ele, o homem moderno deve recuperar o sentido de mistério e reconhecer que a revelação no Sinai foi apenas o início, exigindo que nossas ações e vidas completem essa revelação. Assim como os profetas, que inicialmente resistiram à sua missão, os humanos devem aceitar o mistério divino e continuar a parceria entre o divino e o humano. E acrescenta:

Solidão e miséria foi só uma parte da recompensa que a profecia trouxe para Jeremias. [...] Do campo, partiu Amós para Betel a fim de predizer em público que o rei de Israel morreria pela espada e que seu povo seria levado cativo de sua terra. [...] O profeta não se apresentava voluntariamente para sua justa missão; era-lhe imposta. Como poderia ele resistir ao poder de Deus? “A mão do Senhor estava sobre ele” (Ez 3,22). Ele era seduzido, ele era subjugado (Jer 20,7). Não havia escolha (Heschel, 1975, p. 286-287).

Neste sentido, a Bíblia não é uma ilusão. “Uma galáxia de homens como Moisés, Natan, Elias, Amós, Isaías, Jeremias, declara ter percebido a voz de Deus” (Heschel, 1975, p. 297). Provas disso são os momentos de grandes crises humanitárias, quando grande parte dos cientistas, das mais variadas áreas, falhou, mas os profetas não. Isso ocorre porque os profetas não falavam em nome de um paradigma científico, mensurável ou racional, mas em nome do misterioso Yahweh dos Exércitos.

Para a comunidade judaica, a Bíblia é “santidade em palavras”, ainda que ela “não se relacione com a divindade, mas com a humanidade. [...] Em nossos dias elas são hifens entre o céu e a terra” (Heschel, 1975, p. 309). Por essa razão, o homem religioso não se coloca diante da presença de Deus sem a Tora. Para a *Teologia do Pathos* de Heschel (1975), não se pode negar a origem divina da Bíblia, aquele momento epifânico do Sinai, onde Deus se deixou conhecer e conheceu a todos como seu povo. Aliás, acrescenta Heschel,

negar a origem divina da Bíblia é macular toda a história dos esforços e realizações espirituais no Judaísmo, Cristianismo e Islamismo como a consequência de uma mentira colossal, o triunfo de uma decepção que enganou as almas mais sutis por mais de dois mil anos. [...] Fundamentalmente, pois, não

aceitamos a Bíblia por causa das razões, mas porque se a Bíblia é uma mentira todas as razões humanas são fraudes (Heschel, 1975, p. 313).

Heschel enfatiza a necessidade de ter “fé como os profetas”, reconhecendo a Bíblia como uma expressão eterna do interesse contínuo de Deus pelo homem. Ele argumenta que a apreciação da Bíblia deve ser baseada em um senso profético que revela a presença divina. A compreensão de *torah min hashamayim* (a Bíblia vem do céu) e *hashamayim min hatorah* (o céu provém da Bíblia) ressalta que a conexão entre o céu e a Bíblia é fundamental para a experiência espiritual. Finalmente, Heschel propõe que o terceiro caminho para sentir a presença divina é através dos atos sagrados, refletindo que o verdadeiro conhecimento de Deus vem da vivência diária com Ele. Esta é a atitude da comunidade religiosa de Israel; para conhecê-Lo, é necessário obedecê-Lo na vivência prática. Pois, é

pelas ações que o homem se torna consciente do que sua vida realmente é, de seu poder para prejudicar e destruir, arruinar e seduzir; de sua habilidade de destilar alegria e conferi-la a outros; abrandar ou aumentar as suas próprias tensões e as de outrem. É no emprego desta vontade, não pela reflexão, que ele se encontra consigo mesmo tal como é; não como ele gostaria de ser (Heschel, 1975, p. 356).

Heschel argumenta que é urgente que o homem aja com seriedade, pois “um ato de um indivíduo pode decidir o destino do mundo” (1975, p. 358). Diferente do imperativo categórico kantiano, que se baseia na ética, a teologia de Heschel introduz uma “meta-ética”, em que o agir humano transcende a ética estrita, englobando todos os atos humanos (Heschel, 1975, p. 361). Ele afirma que, ao realizar um *mitsvah*, o indivíduo se conecta com a vontade divina e entra em comunhão.

O autor expande a ideia de agir ético para incluir todos, não apenas os crentes, sugerindo que o agir é sagrado e transcende dogmas específicos. Ele destaca que “a moralidade revelada no Sinai não era nova, mas a obrigação de justiça para com Deus e a proteção dos interesses sagrados foram inéditos” (Heschel, 1975, p. 361). A semelhança com Deus é vista não apenas na

imagem, mas também em ações que imitam a Divindade, representando a intimidade com Deus.

Para o autor, é necessário “agir como Ele”, entregando-se por inteiro e tornando-se uma encarnação da Tora, fazendo com que Deus seja um símbolo imanente nas ações humanas (Heschel, 1975, p. 387-393). Heschel critica o “behaviorismo religioso” que enfatiza a submissão exterior à lei e a devoção íntima, advertindo contra ver a religião como uma mera máquina (Heschel, 1975, p. 439). A resposta para encontrar o divino é ter uma vida compatível com o inefável, entregando o coração e mantendo o diálogo com Deus, pois “ninguém solta a mão de ninguém” (Heschel, 1975, p. 443). Portanto, se pudéssemos ousar resumir, de maneira sucinta, tudo o que descrevemos acerca desta obra *Deus em busca do homem*, usando as próprias palavras do autor, poderíamos assim finalizar:

Aqueles que estão em baixo subirão àqueles que estão no alto, enquanto que aqueles que estão no alto descerão àqueles que estão em baixo e eu aparecerei’, como foi dito: E o Senhor desceu sobre o monte Sinai (Ex 19,20), e mais ainda está escrito: E a Moisés ele disse: Sobe a mim ao monte (Ex 24,12) (Heschel, 1975, p. 444).

Outrossim, o judaísmo não escolheu um Deus, Deus foi quem o escolheu. O judaísmo não tem qualquer conceito a respeito de um Deus escolhido, como foi possível perceber nos escritos teológicos de Heschel acerca da consciência dos profetas. O que o judaísmo tem é a ideia de ser um povo escolhido. Esta ideia de povo escolhido não sugere mais a preferência de um povo, baseada em uma discriminação entre determinados povos. Não significa uma qualidade inerente ao povo, mas “uma indagação de Deus pelo homem” (Heschel, 1975, p. 533), porque “Ele nos amou por primeiro”. Da mesma maneira em que Deus busca, incessantemente, o coração do homem, espera-se que o homem escolha o caminho do encontro, o do retorno, porque ele não está só.

O homem à procura de deus: o autodiscernimento hescheliano como *teshuvá* = retorno através da busca do perdão

A obra *O homem à procura de Deus* é a segunda de uma trilogia em que Abraham Heschel expõe seu pensamento teológico de maneira mais sistematizada. Escrita nos anos 50, mas tornada conhecida no Brasil no início da década de 70, Heschel dá forma à *Teologia do Pathos*, ou *Teologia de Profundidade*, tentando germinar no homem moderno, o desejo de transcender para além do racionalismo imperante.

A obra de Heschel é dividida em duas partes: *O Problema de Deus* e *O Problema da Vida*, abordando teologia e filosofia no contexto pós-Holocausto. Na primeira parte, Heschel (1974b) explora a “consciência do inefável”, criticando o homem moderno como dominador da razão e do mundo, que agora vê a si mesmo como um deus. Heschel aponta que o “homem moderno transformou imagens divinas em substitutos da própria divindade” (Heschel, 1974a, p. 152).

Heschel busca oferecer ao homem um caminho de autodiscernimento que o conduza à justiça, destacando a “necessidade de reverência pelo mistério e a dificuldade do coração humano em apreciar a beleza, justiça e misericórdia” (Heschel, 1974b). Ele argumenta que a verdadeira compreensão vem da admiração, e não da razão. Para Heschel (1974b), a filosofia começa com a admiração, não com a dúvida. A admiração, que é irracional e transcende o conhecimento, é a resposta ao mistério, e a reverência é um imperativo categórico na teologia Hescheliana. Heschel critica a ciência por tentar reduzir o mistério, argumentando que ela, na verdade, amplia o campo do inefável (Heschel, 1974b). Todo conhecimento é apenas uma partícula do mistério que envolve o mundo. Porém,

à medida que a civilização avança, decresce quase necessariamente o sentido do maravilhoso. Este declínio é um sintoma alarmante do nosso estado mental. A humanidade não perecerá por falta de informação, mas por falta de apreciação. [...] O que nos falta não é a vontade de crer, mas a vontade de admirar (Heschel, 1974b, p. 46).

O mundo não está à mercê do ego humano; existe um ser superior que rege todas as coisas, e esse ser não é conhecido por silogismos ou abstrações filosóficas, mas por meio da admiração e do espanto diante do mundo. Heschel (1974b) argumenta que a admiração é a chave para o autodiscernimento e a religação com o divino. Ela previne a “esquizofrenia espiritual” e mantém o contato com o mistério da vida (Heschel, 1974b, p. 87).

Heschel (1974b) critica a ideia de que o racionalismo ou a refutação das provas clássicas de Deus são a causa da perda de fé. Em vez disso, ele afirma que o retorno a Deus começa com a consciência do inefável, a qual deve ser constantemente lembrada pela prática religiosa. A verdadeira compreensão de Deus, segundo Heschel, não deve ser reduzida a mitos ou dogmas filosóficos gregos, como a ideia de um ser perfeito, que não tem origem bíblica. “Deus na Bíblia não é descrito como perfeito, e a interpretação do divino deve evitar idealizações que atrofiam a intuição do mistério” (Heschel, 1974b, p. 105-106). A primeira parte da obra, *O Problema de Deus*, explora essas questões e busca um caminho de retorno à justiça conforme proclamado por Amós. Assim apresenta:

O divino é uma mensagem que revela unidade onde vemos diversidade, que revela paz onde nos envolve a discórdia, Deus é aquele que mantém unidas nossas vidas vacilantes, que nos revela que o que é empiricamente diverso em cor, em interesse, em credos, em raças, classes e nações é um aos seus olhos e um na essência. Deus significa: ninguém está só; a essência do temporal é o eterno; o momento é uma imagem de eternidade num mosaico infinito. Deus significa: União de todos os seres em santa alteridade.

Deus significa: o que está atrás de nossa alma está acima do nosso espírito; o que está na raiz de nós mesmos está no fim de nossos caminhos. Ele é o coração de tudo, desejoso de receber e desejoso de dar (Heschel, 1974b, p. 113).

Percebe-se que em Heschel tudo é autodiscernimento; tudo demanda uma capacidade de autoavaliação constante. Direcionar as ações rumo à alteridade e conhecer o caminho a partir da fagulha do *insight* representa a máxima do processo de humanização. Significa “ir além da fé” (Heschel,

1974b, p. 164), ultrapassar o “Deus que se esconde” (Heschel, 1974b, p. 160) da profecia. É preciso transcender esta fé postulada como uma “recordação individual” (Heschel, 1974b, p. 169), como “crença” (Heschel, 1974b, p. 170), como “credo” (Heschel, 1974b, p. 172), como “dogmas” (Heschel, 1974b, p. 174), e, inclusive, a própria “razão” (Heschel, 1974b, p. 175). A fé é um ato de *alteridade* que entra em síntese com aquele que está além do mistério. Na verdade, “a fé é somente uma semente, enquanto a ação é seu desenvolvimento ou sua decadência” (Heschel, 1974b, p. 181). O homem necessita fazer o caminho do retorno.

Na segunda parte de sua obra, *Problema da Vida*, Heschel (1974b) aborda como viver com integridade em um mundo marcado pela mentira e pelo desespero. Ele defende que a vida humana ganha sentido quando se torna uma necessidade para os outros e ao abandonar o desejo de superioridade, desafiando a visão kantiana que vê o indivíduo como um fim em si mesmo. Para Heschel (1974b), a verdadeira solução para o desespero é reconhecer a independência real e viver com empatia, sabendo que a vida é sagrada e propriedade de Deus. O autodiscernimento é crucial para moderar a crueldade e a inveja, exigindo uma profunda consciência de nossa responsabilidade e nossa posição intermediária entre Deus e os animais.

Heschel (1974b) critica a redução da religião a métodos científicos ou observações antropológicas, argumentando que ela deve retomar seus *insights* essenciais, entendendo-se como uma colaboração entre Deus e o homem. Para Heschel, a religião é a consciência do pacto entre Deus e a humanidade, e a vida deve ser uma sociedade entre ambos, construindo o mundo conforme o *Pathos* divino e apontando para a justiça.

Ele conclui que o destino da humanidade é descobrir-se como necessidade divina, buscando o perdão e reconhecendo a sacralidade. A existência deve reconciliar liberdade com serviço, temporalidade com eternidade. Heschel destaca que a maior sabedoria humana é entender que nosso propósito é servir aos outros e buscar o perdão, refletindo a atitude piedosa dos profetas. Mesmo diante de desafios, como a Segunda Guerra Mundial, Heschel comprometeu-se a servir, aplicando sua erudição e piedade para a prática do serviço, reconhecendo sua necessidade e ação no mundo.

“Senti que minhas pernas estavam orando”: da produção intelectual à ação empática

A produção intelectual torna-se ainda mais respeitada quando vem carregada de experiência prática. Ludwig van Beethoven, no século XVIII, tornou-se mais admirado porque, embora surdo, compôs suas principais obras musicais. A Mona Lisa é respeitada porque carrega no seu semblante o mistério característico do seu autor. Diferentes admiradores afirmam que a língua inglesa não voltou a ser a mesma após as poesias de William Shakespeare e Machado de Assis não é conhecido no Brasil apenas porque fundou a Academia Brasileira de Letras, mas porque deixou à posteridade uma obra monumental.

Da mesma maneira, dizemos sobre Abraham Joshua Heschel. Ele produziu obras filosóficas, teológicas poéticas e rabínicas partindo da vivência prática, da experiência situacional. Não é sem razão que sua teologia foi intitulada de *Teologia de Profundidade*, do *Pathos*. Heschel queria possibilitar não apenas elementos metodológicos e teóricos para a transformação do mundo, mas tornou-se também exemplo como ativista social, professor, religioso e ser humano.

“Senti que minhas pernas estavam rezando”. Talvez não haja uma melhor descrição sobre a pessoa de Abraham Joshua Heschel do que a de homem da oração. A oração, em seu aspecto mais significativo, conduz, ou melhor, transforma-se em ação. Quando Heschel expressa que sentia suas pernas rezando, configura um raro e precioso momento de *insight* na presença de Deus: “a oração é uma condensação da alma. É a alma inteira em um momento, a quintessência de todos os nossos atos, o clímax de todos os nossos pensamentos” (Heschel, 2002, p. 81). Heschel sugere que estar em oração equivale a uma “troca do centro da vida - da própria consciência para a própria entrega. Representa o estágio máximo da aproximação do homem com Deus: a oração, o movimento, a consciência do divino direcionados ao propósito de humanização. E “a melhor metáfora”,

seria descrever a reza como sendo um ato de imersão, comparável ao antigo costume hebreu de mergulhar

completamente nas águas como uma forma de autopurificação a ser feita quantas vezes fosse necessário. Imersão nas águas! A pessoa sente-se cercada, tocada, imersa nas águas da misericórdia. Na oração o “eu” transforma-se em “isto”. Esta é a descoberta: o significado do “eu” para mim é, em primeiro lugar e essencialmente, um “isto” para Deus” (Heschel, 2002, p. 82).

A oração, na visão judaica, é a expressão da relação entre o humano e a divindade, um meio para buscar ser lembrado por Deus e evitar o abandono divino. Heschel, mesmo após ter abandonado temporariamente a oração e os costumes judaicos, sentiu-se compelido a retornar à oração durante suas crises existenciais, reconhecendo a necessidade de reconectar-se com Deus.

Durante os turbulentos anos de 1952, nos Estados Unidos, Heschel destacou-se como ativista social, além de rabino e intelectual. Esse período de conflitos e luta pelos direitos civis revelou uma nova faceta de Heschel, que sentiu que a vida acadêmica não bastava para enfrentar as injustiças sociais. Ele percebeu a necessidade de agir como uma voz profética contra as opressões e desigualdades da época, refletindo os ensinamentos bíblicos sobre justiça e proteção dos desfavorecidos. Neste momento, descortina-se a face ativista de Abraham Heschel.

[...] nestes anos, encontramos Heschel expressando opiniões sobre uma ampla gama de questões sociais e assuntos atuais, entre elas o diálogo inter-religioso; a situação dos judeus soviéticos; saúde, juventude e envelhecimento; a base teológica para o Estado de Israel; movimento dos direitos civis; e envolvimento americano no Vietnã (Marmur, 2016, p. 162).

“Senti que minhas pernas estavam rezando”: esta foi a declaração que o ativista social, Abraham Joshua Heschel expressou quando participou da marcha à cidade de Selma, no Alabama - EUA, de mãos dadas (Nogueira, 2017) com o pastor batista, Martin Luther King Jr. Daquele momento em diante, a vida de Heschel revestiu-se de nova roupagem. Agora, sua *Teologia*

de Profundidade, além de possuir espírito e alma, ganha “pernas”, corpo. A parceria com Martin Luther King durou enquanto durou sua vida².

A admiração mútua e a participação em distintos eventos possibilitaram que nascesse entre ambos uma amizade profunda e indissolúvel. Foram profetas do seu tempo, arraigados em suas crenças de que a justiça permanecia como último anseio da divindade. Antes do assassinato de Luther King, e após ter marchado de braços dados com ele, Heschel assim o recomendou:

Martin Luther King é um sinal de que Deus não abandonou os Estados Unidos da América. Deus o enviou para nós. Sua missão é sagrada [...]. Peço a todo judeu que dê ouvidos à sua voz, compartilhe sua visão e siga seu caminho. Todo o futuro da América dependerá da [...] influência do Dr. King (Dresner, 2016, p. 19).

O ativismo e a vigilância piedosa marcaram profundamente a trajetória de Abraham Heschel, revelando uma polaridade vital entre justiça e misericórdia, ação social e observância religiosa. Heschel não apenas se engajou nas questões civis dos Estados Unidos, mas também se dedicou ao diálogo inter-religioso até os últimos momentos de sua vida. Sua responsabilidade social e o compromisso com a justiça o levaram a interagir com diversas religiões e contextos, refletindo sua visão integrada de espiritualidade e ação social.

Um dos momentos mais significativos de sua vida, descrito por Dresner (2001), ilustra essa polaridade: Heschel, no dia anterior à sua morte, aguardava em meio à neve a libertação de um amigo preso por protestos civis. A combinação de livros ao seu lado – um sobre mística e outro sobre a guerra no Vietnã – simboliza sua capacidade de equilibrar o espírito eterno com a realidade mundana. Essa polaridade na vida de Heschel não é contraditória, mas sim um reflexo do seu compromisso em produzir um conhecimento não apenas teórico, mas também vivencial e empírico. Heschel nos ensina que, além das diferenças de credos, raças, etnias e espaços geográficos, o processo

² “Quando Luther King foi assassinado em abril de 1968, Heschel foi o único judeu que falou no seu funeral” (Nogueira, 2017, p. 95).

de autodiscernimento proporciona a todos a possibilidade de ressignificação enquanto seres humanos e imagens sagradas.

Embora Heschel tenha sido um pensador e ativista plenamente integrado à sua época, seu pensamento permanece relevante. A ideia expressa em seu primeiro livro, *Der Shem Hameforesh: Mensch* (O Nome Divino: Humano), ressoou ao longo de sua vida e continua a inspirar a compreensão do humano e do sagrado. Para Heschel, a realização do autodiscernimento é o caminho pelo qual se faz a vida, destacando a importância de viver de acordo com os princípios espirituais e sociais que ele defendia.

Considerações finais

Este artigo explorou o conceito de autodiscernimento em Abraham Heschel como uma ferramenta fundamental para a ressignificação da espiritualidade e da relação entre o divino e o humano. Ao longo do estudo, constatou-se que o autodiscernimento, entendido como um processo de autoconhecimento baseado na experiência direta do *Pathos* divino, é essencial para a compreensão da experiência profética e para a prática religiosa contemporânea. Heschel, ao enfatizar a distinção entre a vontade divina e os desejos humanos, oferece um caminho para uma vivência espiritual mais autêntica e profunda.

Os resultados obtidos ao longo da pesquisa confirmam a hipótese de que o autodiscernimento ilumina a interação entre Deus e o homem, proporcionando uma nova perspectiva para a espiritualidade moderna. A análise das obras de Heschel evidenciou que o autodiscernimento não apenas reconfigura a prática religiosa, mas também oferece uma resposta às crises espirituais e morais da sociedade contemporânea. A ênfase de Heschel na experiência direta do *Pathos* divino revela-se crucial para a transformação da fé em uma vivência prática, onde o conhecimento intelectual é traduzido em ação empática.

Além disso, o estudo destacou que o autodiscernimento, aplicado como *Teshuvá*, ou retorno, tem o potencial de reintegrar o indivíduo à sua busca espiritual, fortalecendo a conexão com o transcendente. Ao reconhecer a

primazia do amor divino – “nós amamos, porque Ele nos amou por primeiro” –, o indivíduo é chamado a um processo contínuo de discernimento, onde a espiritualidade é constantemente renovada e enriquecida.

Por fim, este artigo sugere que o conceito de autodiscernimento, como proposto por Heschel, oferece novos caminhos para a espiritualidade contemporânea. Ao centrar-se na experiência direta do *Pathos* divino e na prática do discernimento, Heschel nos convida a uma prática religiosa mais consciente e significativa. Acredita-se que essa abordagem possa não apenas reconfigurar a compreensão da espiritualidade moderna, mas também promover uma fé renovada que responda, de forma genuína, às necessidades espirituais do ser humano na atualidade.

Referências

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

DRESNER, Samuel. *Abraham Joshua Heschel: A Life of Purpose and Passion*. 1. ed. New York: Schocken Books, 2001.

HESCHEL, Abraham J. *Deus em busca do homem*. Trad. Professor Albérico F. Souza. São Paulo: Paulinas, 1975.

HESCHEL, Abraham J. *O homem à procura de Deus*. Trad. Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1974a.

HESCHEL, Abraham J. *O homem não está só*. Tradução de Edwino Aloysius Royer. São Paulo: Paulinas, 1974b.

HESCHEL, Abraham J. *Los Profetas: El hombre y su vocación*. Supervisión de Marshall T. Meyer. Buenos Aires: Paidós, 1973a.

HESCHEL, Sussanah. Introdução. In: HESCHEL, Abraham J. *O último dos profetas: uma introdução ao pensamento de Abraham Joshua Heschel*. São Paulo: Manole, 2002.

Trabalho submetido em 08/09/2024.

Aceito em 23/11/2024.

Emivaldo Nogueira

Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Bolsista CAPES PROSUC (2020), com estágio doutoral sanduíche na Pontifícia Universidad Católica de Chile - Facultad de Teología (2018-2019). Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Mestrado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2017). Graduando em Pedagogia pela UniAraguaia. Bacharelado em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (2013). Letras pela Faculdade Educacional da Lapa (2020). Professor investigador do Centro de Investigación em Educación da Universidad Bernardo OHiggins, Santiago / Chile. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4426-3000>. E-mail: nogueira.aligo@gmail.com